

# Editorial

---

Como se sabe, o advento da gravação sonora favoreceu a fixação e a disseminação do repertório da música popular. Através desse processo, produções não grafadas em partitura puderam ser registradas em cilindros, discos, CDs e formato digital, que passaram a ser comercializados em larga escala, pela indústria fonográfica em suas diversas configurações. Conseqüentemente, a gravação sonora também facilitou a realização de pesquisas sobre esse repertório, de modo que não é difícil constatar que grande parte das investigações sobre música popular se concentra nas músicas produzidas a partir do século XX.

Por outro lado, a história da música popular brasileira do século XIX ainda é pouco estudada. Não obstante, é possível entrar em contato com um repertório de canções e de música instrumental ligado a contextos diversos como as salas de concerto, salões de baile, saraus, cafés cantantes, teatros de revista, entre outros, que compõem a base para diversos gêneros que se consolidaram no século seguinte. Em volume anterior, *Música Popular em Revista* contribuiu com o debate acadêmico sobre a produção musical do século XIX ao publicar a tradução do artigo de Cristina Magaldi sobre a música popular produzida na cidade do Rio de Janeiro na virada para o século XX. Neste novo volume, estão publicados outros dois trabalhos que se dedicam a essa mesma temática.

No artigo que abre o volume, **Mônica Vermes** examina o perfil da atividade musical nos teatros cariocas do final do século XIX e início do século XX. A autora evidencia a movimentação realizada pelos músicos do período entre espaços e repertórios diferentes e com pesos simbólicos igualmente distintos. Desse modo, a pesquisadora critica a divisão rígida que os manuais de história da música brasileira estabelecem entre práticas musicais populares e eruditas, mostrando que a circularidade cultural era muito mais intensa no cenário musical analisado.

**Uliana Dias Campos Ferlim** analisa os discursos em torno da modinha e do lundu, geralmente vistos como um repertório em que se opera um processo de “convergência racial democrática”. A autora busca mostrar de que modo e em que contexto tais discursos foram produzidos, e quem foram seus principais formuladores.

Para isso, Ferlim examina duas coletâneas de canções, uma publicada em 1871 e a outra em 1901, ambas pela mesma editora, verificando de que maneira o discurso da miscigenação, articulado a projetos nacionalistas, vai se inserindo nos debates acerca das modinhas e lundus.

O artigo de **Gabriel Sampaio Souza Lima Rezende** tece reflexões acerca da construção de uma “historiografia oficial” do choro. Para isso, examina um conjunto de textos que se propõem a contar a história desse gênero, constatando certa homogeneidade na maneira de narrar. Ao questionar as razões dessa unidade, Lima Rezende se apoia em reflexões do campo da historiografia e mostra como as noções de “tradição” e “brasilidade” atuam como instâncias discursivas do poder, orientando a seleção e organização dos fatos a serem narrados (ou omitidos).

**Uassyr de Siqueira** investiga as letras de cururu escritas por Sebastião Roque entre os anos de 1940 e 1950. Roque foi um cantador ligado ao repertório da música caipira, que atuou na cidade de Piracicaba, no interior do estado de São Paulo. Através de um exame das letras de cururu desse cantador, Siqueira evidencia o modo pelo qual tensões entre a sociabilidade caipira e o mundo do trabalho que se transforma sob o impacto da modernização permeiam esse repertório. Na análise do cururu “De uma ingratidão”, o autor mostra que operam simultaneamente a denúncia da injustiça diante de uma ação de despejo e o conformismo com essa situação. Diante desse aspecto, Siqueira discute também as considerações dúbias do folclorista João Chiarini sobre esses cururus. Conforme exposto pelo autor, Chiarini valorizava o aspecto crítico dos cururus, mas se incomodava diante da conformação com a ordem estabelecida.

O artigo de **Sheyla Castro Diniz** se dedica ao estudo da canção “Oriente”, de Gilberto Gil, gravada no LP *Expresso 2222*, de 1972. A autora examina tanto os aspectos visuais do LP quanto os elementos musicais e poéticos da canção, articulando-os ao ideário contracultural assimilado por Gil desde o Tropicalismo e reforçados durante seu exílio em Londres. Em sua análise, Diniz trata da dualidade presente em “Oriente” que, por um lado, demonstra alegria na continuidade de um mundo mítico (“Sorridente, rapaz / Pela continuidade do sonho de Adão”), mas, por outro, apela para uma postura individualista (“Se oriente rapaz / Pela constatação de que a aranha / Vive do que tece”).

Através de uma vasta revisão bibliográfica, **Paula Guerra** discute a emergência do *rock'n'roll*. Em sua narrativa, a autora explora as relações entre o rock e a consolidação de novos padrões culturais na sociedade atual, as transformações da indústria fonográfica, a incorporação de setores juvenis ao mercado musical e os embates de gênero em torno dessa produção. Ao final dessa revisão histórica, Guerra ainda traz reflexões sobre o cenário contemporâneo do rock e dos impactos da internet e das novas tecnologias sobre essa produção.

O volume se encerra com a entrevista que **Lucas Marcelo Tomaz de Souza e Thiago Meneses de Alves** fizeram com **Paula Guerra**, professora de Sociologia da Universidade do Porto, cuja tese de doutorado se constitui num dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o rock em Portugal. Através de um diálogo sobre sua trajetória na universidade, a entrevista revela de que forma o rock, enquanto objeto de estudo, foi sendo aceito pela Sociologia portuguesa. Além disso, o texto traz discussões sobre os referenciais teóricos que balizaram as investigações sobre o tema, além de apresentar informações sobre a própria consolidação do rock em Portugal, tanto no *mainstream* quanto na cena “alternativa”.

Os editores,

Prof. Dr. Rafael dos Santos (UNICAMP)  
Prof. Dr. Luiz Otávio Braga (UNIRIO)